

Extensão rural, agronegócio, agricultura familiar e vida no campo: representações da ruralidade no *Globo Rural*

Agricultural extension, agribusiness, family farming and rural life: Representations of rurality in *Globo Rural*

Denise Figueiredo Barros do Prado¹
denisefbp@gmail.com

Isadora Moreira Ribeiro²
isadora.moreiraribeiro@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste estudo é identificar as principais representações do rural em reportagens do *Globo Rural*. A discussão teórica articula as concepções de lugar de fala e representações midiáticas, bem como problematiza as concepções de cultura e de ruralidade. A metodologia se pauta no levantamento das matrizes de sentido em que são empregadas pelo programa para tratar do rural. O *corpus* é composto de 14 reportagens, extraídas da edição de domingo do telejornal, entre os meses de março e maio de 2014. Na análise, essas reportagens aparecem estruturadas em quatro categorias temáticas, que são acionadas para o entendimento das representações da ruralidade no programa.

Palavras-chave: *Globo Rural*, representações, ruralidade.

ABSTRACT

The aim of this study is to identify the main representations of the rural in *Globo Rural* television reports. The theoretical discussion articulates the conceptions of place of speech and representations as well as discusses the meanings of culture and rurality. The methodology looks for the matrices of meaning employed by the program to talk about the rural. The corpus is composed of 14 TV news reports, extracted from editions of the program that were displayed between the months of March and May 2014. In the analysis, these reports are structured in four thematic categories, which are used to understand the representations of rurality in the program.

Keywords: *Globo Rural*, representations, rurality.

¹ Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Rua do Catete, 166, Centro, 35420-000, Mariana, MG, Brasil.

² Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade, 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil.

Introdução

O propósito deste estudo é compreender, a partir de reportagens do *Globo Rural*, quais as principais representações do rural neste telejornal, que é transmitido nas manhãs de domingo da Rede Globo, desde 1980. Conforme detalha o site *Memória Globo* (2016), o *Globo Rural* foi criado com o objetivo de apresentar “reportagens e prestação de serviços voltados para o homem do campo”, proposta intimamente ligada ao contexto de seu surgimento:

no final da década de 1970, tornara-se evidente a importância do setor rural e das indústrias ligadas à agropecuária para a economia do Brasil, país que detém uma das maiores áreas cultiváveis do mundo. O número de televisores em zonas rurais já ultrapassava os quatro milhões, o que revelava um grande potencial dessas regiões em termos de audiência e anunciantes. Nesse contexto, a Rede Globo encomendou ao então diretor da Central Globo de Jornalismo em São Paulo, Luiz Fernando Mercadante, a criação de um programa que se dedicasse especialmente a informar e a prestar serviços para o homem do campo (Memória Globo, 2016).

Mais extensas do que a maioria das matérias tradicionais de outros telejornais da mesma emissora, as reportagens do *Globo Rural* têm entre 7 e 15 minutos de duração e envolvem um trabalho de pesquisa e desdobramento da temática abordada em várias frentes passíveis de contextualização no espaço rural. Os temas vão desde os avanços tecnológicos até a apresentação de práticas tradicionais da culinária campestre – tendo como eixo a vinculação com o rural. Em suas mais plurais figuras, o rural aparece povoado por dissonâncias, capaz de conjugar o moderno e o tradicional em sua conformação.

Em nosso recorte, analisamos 14 reportagens veiculadas entre os meses de março e maio de 2014, cujos principais temas abordados foram extensão rural, agronegócio, agricultura familiar e vida no campo³. A partir deste

material, identificamos que o *Globo Rural* “fala” sobre e a partir de um universo simbólico povoado por referências e definições do rural. Mais do que isso, ao se estabelecer como espaço referencial para diálogo com o “homem do campo”, constrói-se um “lugar de fala” singular para esse telejornal, que passa a representar definições do rural nos limites do seu discurso.

Diante disso, nossa proposta procura problematizar as construções do rural no *Globo Rural*, buscando apreender os elementos discursivos mobilizados para defini-lo e representá-lo no programa. Para isso, analisamos a interação entre o telejornal e o universo simbólico, numa relação de mútua afetação, tendo por objetivo apreender como o *Globo Rural* estrutura um discurso e constrói um lugar singular de fala ao elaborar reportagens sobre a vida no campo. Ou seja, entendemos que o telejornal e o universo simbólico referenciado modelam a si próprios e modelam um ao outro na medida em que são perpassados por diferentes circuitos ou pelo fluxo contínuo em que se tece a comunicação. Para darmos conta dessa abordagem, tentamos compreender como o rural é representado no *Globo Rural* a partir de reflexões e do tensionamento do “lugar de fala” do próprio programa, bem como das representações da ruralidade que ali têm lugar.

O lugar de fala e as representações: uma abordagem conceitual e metodológica do *Globo Rural*

Ao apresentar o conceito de “lugar de fala”, Braga (2000) discute que os produtos culturais são relevantes formas empíricas para olharmos o desenho das representações sociais. Ele propõe a compreensão das falas ali estruturadas como dizeres situados, articulados com uma cadeia de sentidos que lhes dá força e coerência. Para o autor,

a estruturação interna da fala decorre da construção de uma determinada “lógica” no trato de

³ No total, foram contabilizadas 23 reportagens exibidas pelo *Globo Rural* nesses três meses. Para se chegar ao recorte proposto neste artigo, alguns critérios de eliminação prévia foram aplicados, de modo que se excluíssem reprises de edições anteriores e temas ambientados fora do Brasil e não conectados ao país na própria estrutura da reportagem. Tais reportagens foram classificadas nas seguintes categorias temáticas: pesquisa científica; extensão rural; agronegócio; cooperativismo e sustentabilidade; fenômenos da natureza; agricultura familiar; saúde animal; vida no campo. As categorias mais recorrentes foram: extensão rural (quatro reportagens), agronegócio (quatro reportagens), agricultura familiar (três reportagens) e vida no campo (três reportagens). Adotando, pois, o critério quantitativo, optou-se por selecionar as reportagens listadas nestas categorias para a efetivação da análise proposta.

uma situação concreta. Essa lógica, enquanto articulação entre fala, textos disponíveis e situação, pode ser chamada de “lugar de fala”. Vista deste lugar, a fala faz sentido e se articula aí com os dados materiais da situação e a intertextualidade disponível (Braga, 2000, p. 163).

A partir disso, inferimos que o *Globo Rural* só vem constituindo e se constitui a partir de um “lugar de fala” ou universo simbólico porque encontra condições que garantem a fluidez das situações comunicacionais da qual participa ao longo de seus 36 anos no ar. Pela própria proposta conceitual de Braga (2000), o lugar de fala não pode ser apreendido antes das interações terem lugar: é na ação dos sujeitos no mundo que vemos os sentidos sendo elaborados e as significações sendo construídas. Diante disso, as reportagens do *Globo Rural* são aqui compreendidas como uma forma que não está imune às influências externas, estruturando-se enquanto proposta de interação com seus públicos, a partir de um entrecruzamento discursivo da situação comunicativa imediata da reportagem e do seu contexto de emergência. Assim, reconhecemos que as reportagens analisadas são produzidas no espaço editorial desse telejornal, que lhes dá voz e um lugar, na medida em que elas próprias também contribuem na sedimentação do próprio “lugar de fala” do programa.

Esse processo de sedimentação dos dizeres do programa se constitui através do acionamento e da atualização de representações sociais compartilhadas. Para Jodelet (2001), a noção de representação social pode ser compreendida como guias de interpretação e de posicionamentos partilhados em sociedade de maneira convergente ou divergente. Nesse sentido, as representações são produtos sociais que circulam pelos dispositivos por meio dos quais as relações interpessoais se tecem. É possível dizer, portanto, que elas carregam visões de mundo e matrizes de sentido acerca de uma realidade social e, inseparavelmente, dos indivíduos nela imersos. Pode-se afirmar, ainda, que as representações têm sua existência condicionada pelo processo de socialização.

Berger e Luckmann (2004), ao tratarem do processo de socialização, explicam que a objetivação da realidade segue um fluxo circular de exteriorização-objetivação-interiorização-reprodução das práticas dos indivíduos em sociedade. Esse fluxo, completam, é alimentado pela linguagem e, por meio dela, a ordenação institucional e, conseqüentemente, a social, adquirem legitimidade. Os autores defendem que a legitimação da ordem institucional é gradual e se emoldura ao longo de

quatro níveis, do mais incipiente ao mais sólido, que é o universo simbólico, concebido “como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais” (Berger e Luckmann, 2004, p. 132). Para eles, os universos simbólicos carregam, dentro da circularidade da objetivação das práticas sociais, sistemas simbólicos de representação dessas mesmas práticas. Tal como explica Woodward (2012, p. 17-18),

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

O fato das representações serem sistemas simbólicos que partem de matrizes de ordenamento social não faz delas condutoras de um determinismo em relação aos sujeitos a que se reportam. Woodward (2012) tonifica essa ideia quando afirma que “diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos, mas esses significados são contestados e cambiantes” (p. 19) entre si e internamente ao próprio sistema.

Para Jodelet (2001, p. 30), a representação e o pensamento sociais têm na comunicação social “uma condição de possibilidade e de determinação”. A autora esclarece que o “ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto” (Jodelet, 2001, p. 22), ou seja, a representação, circula pelo “Campo da Comunicação” – expressão que tomamos por empréstimo de Braga (2011a) – em três enfoques: os interindividuais, os institucionais e os midiáticos.

Esses três ângulos de incidência da comunicação social no condicionamento das representações, dos quais Jodelet (2001) trata, foram primeiramente levantados por Serge Moscovici. De acordo com o autor – mas por meio das palavras de Jodelet –, a esses ângulos corresponderiam três respectivos níveis: “emergência das representações”; “processos de formação das representações”; e “dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta” (Jodelet, 2001, p. 30). Esse nivelamento não é, contudo, linear. Não se trata aqui de passos a serem

sequencialmente seguidos na análise das representações, mas sim de um esforço metodológico que contribui com esse tipo de análise. Logo, a emergência das representações não se restringe ao enfoque interindividual da comunicação, por exemplo. As representações também podem emergir em contextos comunicativos institucionais e midiáticos e assim por diante.

Sendo assim, optar por um estudo das representações na instância midiática, como é feito ao olharmos para o *Globo Rural*, é considerar a comunicação midiática como espaço de emergência, formação e edificação de representações. Compreendemos que, ao congregarmos diferentes estruturas simbólicas em uma inter-relação, a mídia as coloca em circulação no meio social. Na medida em que isso se sustenta, fala-se nos produtos midiáticos enquanto dispositivos imersos na teia social e, por isso, participantes da interação comunicacional e passíveis de serem adotados como um local de observação da ação comunicativa e dos sistemas de representação a ela inerentes. Como diz Braga,

cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação, recorre a determinadas matrizes interacionais e modos práticos compartilhados para fazer avançar a interação. Tais matrizes – culturalmente disponíveis no ambiente social (e em constante reelaboração e invenção) correspondem ao que chamamos aqui de “dispositivos interacionais” (Braga, 2011b, p. 5).

Nesses termos, os dispositivos interacionais têm sua condição de existência e de funcionamento nas ações comunicativas que, por sua vez, são socialmente contextualizadas. É nesse mesmo espaço que representações emergem, circulam e se afirmam. Constatamos, portanto, que as representações midiáticas são uma das possibilidades de nos reportarmos ao objeto representado e que esse processo, ambientado no episódio comunicativo, demanda o acionamento de matrizes de sentido. Na análise do programa aqui focado, notamos que duas matrizes são importantes para se tematizar o rural: a cultura e a ruralidade.

As representações do campo: problematizando as noções de ruralidade e cultura

Quando se fala em *rural* faz-se, ainda que implicitamente, uma referência a seu par conceitual, o *urbano*.

Os elementos dessa composição, elaborada a partir de um contraste que aciona sentidos da ordem da modernidade/tradição, emergem como matrizes de sentido que se constituem mais como uma dualidade discursiva socialmente legitimada sob diferentes formas do que uma oposição real entre espaços que determinam relações interpessoais essencialmente distintas. Tal como pondera Woodward (2012, p. 51), algo “comum à maioria dos sistemas de pensamento parece ser, portanto, um compromisso com os dualismos pelos quais a diferença se expressa em termos de oposições cristalinas – natureza/cultura, corpo/mente, paixão/razão”. A autora completa que “os termos em oposição recebem uma importância diferencial, de forma que um dos elementos da dicotomia é sempre mais valorizado ou mais forte que o outro” (Woodward, 2012, p. 51). Nesse sentido, ao transpor esse desequilíbrio à dicotomia rural/urbano presente nos discursos sociais, é perceptível certo domínio, especialmente econômico, do urbano.

Essa leitura sobre o campo, elaborada em tom negativo, transborda para uma apreensão conceitual redutora do rural, promovendo uma separação artificial com as dinâmicas urbanas e sociais. Com o intuito de abordar a porosidade do rural e do urbano, Williams (2011), em *O campo e a cidade*, chama a atenção para a mobilidade das relações campo/cidade e explica que esses dois conceitos são posicionamentos interpretativos parciais frente ao sistema de organização social, e não realidades que caminham em sentidos opostos:

o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações. Temos uma experiência social concreta não apenas do campo e da cidade, em suas formas mais singulares, como também de muitos tipos de organizações sociais e físicas intermediárias e novas (Williams, 2011, p. 471).

É partindo dessa premissa de mobilidade e dinamismo dos espaços e das realidades vinculadas ao rural, defendidos por Williams (2011) e em estudos posteriores a ele, que se adota aqui o que Wanderley (2000) define como “emergência de uma nova ruralidade”. Como explica a autora, a ruralidade é uma construção histórica que comporta uma dimensão produtiva e uma dimensão patrimonial a ser usufruída e preservada.

Em concordância com essa ideia, Favareto (2006) explica que a nova ruralidade não se restringe aos vieses tradicionais de compreensão das dinâmicas rurais, dentre os quais se destacam o econômico (agronegócio) e o

cultural (tradições), mas é marcada por um “crescente processo de desencantamento e racionalização da vida rural” (Favareto, 2006, p. 161). De acordo com o autor,

a oposição campo-cidade se desloca para a contradição rural-urbano. Enquanto a primeira diz respeito ao contraste entre espaços, sendo os campos o lugar de realização de atividades predominantemente primárias, destacadamente a agricultura, na segunda o estatuto fundante da distinção desloca-se para o grau de artificialização destes espaços e seus impactos para os modos de vida, exigindo assim uma abordagem capaz de combinar critérios ecológicos com outros de caráter social e econômico. O rural mostra-se não mais uma categoria passível de ser apreendida em termos setoriais, e sim territoriais (Favareto, 2006, p. 103).

Reconhecida a dimensão do rural para além dos limites setoriais da economia, é possível estabelecer uma vinculação entre o rural e a ideia de cultura. Na perspectiva de Williams e de outros expoentes dos Estudos Culturais, a cultura não se restringe a tradições, artefatos e outros produtos comumente a ela associados, nem se mede apenas pelo cabedal de erudição atribuído a esses produtos e/ou aos indivíduos. Williams (2000) propõe pensar a cultura como um “sistema de significações realizado”.

O autor adota esta percepção após destacar que a sociologia da cultura vem sendo orientada a partir de duas visões: idealista e materialista⁴. No entanto, ainda que elas se mantenham e sejam praticadas na contemporaneidade, “vai-se tornando evidente uma nova forma de convergência” (Williams, 2000, p. 12) resultante, principalmente, da combinação dessas formas precursoras.

Logo, se a cultura é um sistema de significações e se este deve ser estudado à luz de transformações complexas, que extrapolam o limite de relações binárias como, por exemplo, erudito/popular e rural/urbano, tem-se aqui uma justificativa à aplicabilidade do conceito de Williams na análise do objeto: ao rural corresponde a um sistema de significações e, portanto, uma cultura.

Apesar de se constituir num referencial comum – a ruralidade, no caso –, devemos lembrar que um sistema

pode ter variações internas em sua configuração, de modo que aí temos as várias nuances ou interfaces que atravessam e são atravessadas pela cultura dita rural. Isso explica a categorização temática feita nas ações de delimitação e análise do *corpus* do estudo – agronegócio, extensão rural, agricultura familiar e vida no campo –, tendo em mente que, tal como Williams (2000, p. 212) diz, as categorias “são, elas mesmas, formas de significação, onde se podem descobrir conexões específicas com o sistema de significações geral”.

Gomes (2004, p. 107-108) ressalta que, ao “criar as bases para uma compreensão de cultura como a esfera do sentido que unifica as esferas da produção (a economia) e das relações sociais (a política)”, os Estudos Culturais forneceram sustentação para se pensar na cultura em uma dimensão dinâmica, ou seja, móvel tal como a humanidade que a produz em sua também móvel vida social. Com isso, extirpa-se a possibilidade de uma cultura rural enquanto retrógrada ou pretérita, dado que ela é suscetível a essa mesma mobilidade.

Mas, como então pensar no porquê de práticas remetentes ao passado ainda persistirem no trabalho no campo, por exemplo? Ou, no sentido contrário, o que explicaria a incorporação de práticas tidas como modernas e/ou urbanas ao cotidiano rural? Para Canclini (2011), no caso da América Latina, a coexistência entre, digamos, o moderno e o tradicional, fenômeno por ele denominado “heterogeneidade multitemporal”, resulta “de uma história na qual a modernização operou poucas vezes mediante a substituição do tradicional e do antigo” (p. 74). Mais adiante, o autor indaga:

como explicar que muitas mudanças de pensamento e gostos da vida urbana coincidam com os do meio rural, se não porque as interações comerciais deste com as cidades e a recepção da mídia eletrônica nas casas rurais os conecta diretamente com as inovações modernas? (Canclini, 2011, p. 286).

Nesse ponto das discussões, é precisa a colocação de Canclini (2011) acerca do conceito de hibridação. Para ele, hibridação são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de

⁴ Para Williams, a visão *idealista* da cultura a coloca como um “*espírito formador* de um modo de vida global” (2000, p. 11-12, grifo no original) que se manifesta em todas as atividades sociais, em especial naquelas que se costuma considerar como necessariamente culturais, caso de expressões artísticas, por exemplo. A visão *materialista*, por sua vez, vê na cultura uma “*ordem social global*” (Williams, 2000, p. 11-12, grifo no original) que precede as produções de natureza artística ou cultural, por exemplo. É esta a visão adotada por Williams na fase inicial de seus estudos.

forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (p. XIX). Nesse sentido, ao se pensar na incorporação ao meio rural de práticas tidas por essência “urbanas”, por exemplo, observamos um processo de hibridação.

Os estudos de Canclini (2011) permitem depreender, nessa direção, que o processo de hibridação não é linear e homogêneo, mas marcado por choques, conflitos e tensões, uma vez que envolve sujeitos e suas posições diante das relações de intercâmbio cultural. Como lembra o autor, “falamos da hibridação como um processo ao qual é possível ter acesso e que se pode abandonar, do qual podemos ser excluídos ou ao qual nos podem subordinar” (Canclini, 2011, p. XXV).

Canclini (2011) ainda sugere que a aceitação da hibridação é um desafio às próprias culturas, que veem nisso uma ameaça à sua suposta autonomia, e ao modelo de pensamento moderno. Nos termos do pesquisador, “a fluidez das comunicações facilita-nos apropriarmos de muitas culturas, mas isto não implica que as aceitemos indiscriminadamente” (Canclini, 2011, p. XXXIII). De todo modo, a compreensão dos processos de hibridação, na dimensão levantada pelo estudioso, é fundamental para que se possa ter maior clareza da formação da acepção da “nova ruralidade”, tendo em vista que

poucas culturas podem ser agora descritas como unidades estáveis, com limites precisos baseados na ocupação de um território delimitado. Mas essa multiplicação de oportunidades para hibridar-se não implica indeterminação, nem liberdade irrestrita. A hibridação ocorre em condições históricas e sociais específicas, em meio a sistemas de produção e consumo que às vezes operam como coações, segundo se estima na vida de muitos migrantes. Outra das entidades sociais que auspiciam, mas também condicionam a hibridação são as cidades (Canclini, 2011, p. XIX-XX).

Não temos como comparar a intensidade das relações de intercâmbio cultural no eixo rural/urbano com a operada nas fronteiras entre países e, mais especificamente, nas cidades localizadas nessas fronteiras, foco da investigação de Canclini. Entretanto, como o próprio autor reconhece, passados mais de dez anos da primeira edição

da obra, as cidades já não são os polos principais de trocas interculturais, uma vez que as tecnologias da comunicação ampliaram os espaços de circulação de mensagens e de contato entre os sujeitos. Sendo assim, passamos à temática aqui enfocada, qual seja, as representações de ruralidade no telejornal *Globo Rural*.

Percurso metodológico-analítico

As 14 reportagens do *Globo Rural* aqui analisadas foram organizadas em quatro categorias temáticas: extensão rural, agronegócio, agricultura familiar e vida no campo. Seguindo a orientação de Braga (2000), entendemos tais categorias como sentidos perpassados pelo telejornal enquanto lugar de fala. Conforme o autor, a busca de um lugar de fala e não de um lugar de falantes imediatos permite

levantar a diversidade de experiências, de agendamentos, de ocupações diversificadas da arena, de possibilidades e processos de construção de lugares em que situações são (polemicamente) ditas. E as falas que a dizem, produzindo assim sentido e realidade (Braga, 2000, p. 183-184).

A metodologia adotada, nesse sentido, objetiva “interpretar o que o texto pretende construir – ou o lugar que o texto constrói para daí dizer a situação” (Braga, 2000, p. 180). Esse lugar que o produto constrói é o lugar por onde são perpassadas as representações das práticas sociais tidas como rurais. Outro ponto importante do estudo são os episódios comunicacionais pelos quais as interações presentes nas reportagens são narradas pelo programa, os quais, aliados ao acionamento de matrizes já existentes na sociedade, culminam no que Braga (2012) denomina “dispositivos interacionais”.

A sucinta descrição metodológica se justifica pelo fato de que é na aplicação das ideias acima expostas que efetivamente se torna possível compreender o funcionamento do processo analítico proposto. Sendo assim, como foram levantadas quatro categorias, a investigação será subdividida, a partir de agora, nos quatro tópicos a elas correspondentes, de modo que a detalhá-las para, em seguida, examinar as matérias nelas enquadradas⁵.

⁵ Vale lembrar que as matérias não encerram tematicamente apenas as ideias das categorias em que se encontram, havendo uma mescla de outros assuntos no desenrolar das reportagens. Desse modo, a classificação de uma reportagem em uma dada categoria indica que o conteúdo predominante da produção jornalística é desenvolvido em relação ao tema em questão, mas não anula a existência de outros.

Extensão rural

O conceito de extensão rural gira no entorno da aplicação de pesquisa e tecnologia para o melhoramento da agropecuária, por meio da assistência técnica. As reportagens incluídas nesta categoria, portanto, tratam da relação entre a produção rural e as atividades de profissionais que atuam como extensionistas. Das reportagens escolhidas para análise, quatro se incluem nesta categoria, o que equivale a aproximadamente 28,6% do *corpus* da pesquisa⁶.

De forma geral, a estrutura das reportagens é conduzida na seguinte ordem: apresenta-se o local, com suporte de recursos visuais de localização geográfica; introduz-se o produtor e o problema por ele enfrentado; insere-se a assistência técnica especializada e a solução proposta para o problema; exibem-se os resultados obtidos, as novas demandas, as dificuldades e as perspectivas futuras; abrange-se a viabilidade econômica de todo o processo. Em todos os casos mostrados, os resultados foram positivos, reforçando uma linha discursiva de que o sucesso dos empreendimentos é fruto da integração pesquisa e cultivo. A pesquisa é, nesse sentido, mostrada como fundamental para o produtor no contexto atual, assim como o investimento em práticas sustentáveis.

Nota-se uma orientação discursiva em prol de práticas mais sustentáveis e naturais como meio de defesa de formas alternativas de cultivo que não prejudiquem financeiramente o produtor e atendam às demandas alimentícias de um mercado mais seletivo quanto à origem do que consome. Nesse caso, observa-se que as reportagens delimitam um lugar de fala em que a visão do rural não se encerra na economia, pois, ainda que esse espaço apareça como ambiente com função produtiva, a produção passa a integrar, também, a pesquisa e práticas de bem viver.

Contudo, embora o equilíbrio quantitativo de fontes (especialistas e produtores) seja perceptível, há uma valorização da fala dos pesquisadores, que detêm o conhecimento para a resolução dos problemas com os quais se defrontam os agricultores. O resultado positivo das iniciativas com intuito de solucionar os desafios enfrentados nas produções é, claro, dependente do cum-

primento das indicações do especialista pelo agricultor, o que não é negligenciado na narrativa da reportagem.

Observa-se, assim, uma maior importância concedida ao saber científico, presente até mesmo na fala dos produtores, que ressaltam os benefícios da pesquisa para as atividades que desenvolvem, como fica perceptível na fala da agricultora Jovelina Fonseca: “Nos faltou naquela época uma assistência técnica, né? Então ficamos no erro e no acerto. Mas hoje a gente produz noventa mil itens por ano e comercializamos com alguns supermercados” (*Globo Rural*, 2014o). Essa verificação leva a um possível resultado: mais do que construção discursiva do telejornal, que apresenta um equilíbrio numérico das fontes, a sobrevalorização do saber científico repercute a própria representatividade que a cultura científica tem em nosso meio social.

Recuperando Woodward (2012), vemos que um conjunto de sentidos sobre o rural e a ciência é acionado como forma de orientar posicionamentos e leituras sobre o tema do programa. Porém, em vez de se focar no mero reforço das representações, estimula-se o choque de sentidos, a promoção de novas leituras sobre o real. Nesta perspectiva, elabora-se o reforço de duas fortes representações socialmente compartilhadas: a da ciência como o espaço de conhecimento, de saber; e a do rural como ambiência a se desenvolver, em vias de se preparar para a suposta modernidade do urbano.

Desse conflito e das articulações elaboradas para assentar sentidos – que mostram a possibilidade de cooperação dessas duas instâncias, ciência e rural – emergem releituras sobre esta ambiência: o rural descobre-se moderno na medida em que se reveste do saber científico. Assim, ao desvincular-se o rural do arcaico ou do tradicional, circunscrevendo-o como terreno em trânsito, em vias de se modernizar, redesenha-se também o lugar da ciência: a ciência abre-se como chave para a modernidade.

Constatamos que, nas matérias incluídas nesta categoria, a representação da extensão rural conjuga pesquisa e produção, com finalidade de incentivo ao cultivo orgânico de alimentos, em detrimento da utilização de agrotóxicos. Por um lado, a assistência técnica, enquanto solução para as demandas do campo, aparece como principal aliada do produtor. Por outro, a solução está na

⁶ Em ordem cronológica, a categoria é composta pelas seguintes reportagens: (1) “Produtores de tomate reduzem uso de agrotóxicos para doenças causadas por fungos” (*Globo Rural*, 2014p, 7’ 34”); (2) “No RJ, produtor aproveita as sobras da horta para produzir composto orgânico” (*Globo Rural*, 2014m, 8’); (3) “Pequenos agricultores apostam na produção de adubo para hortalças” (*Globo Rural*, 2014o, 7’ 43”); (4) “Em SP, produtores de pimentão se esforçam para reduzir a quantidade de agrotóxicos” (*Globo Rural*, 2014h, 13’ 53”).

aproximação entre a ciência e os saberes compartilhados na vida cotidiana dos produtores.

Agronegócio

A categoria agronegócio compreende as reportagens que se voltam à apresentação de atividades produtivas especializadas e bastante voltadas a uma lógica de mercado. Tal como no tópico extensão rural, este é composto por quatro matérias o que, em termos percentuais, corresponde a aproximadamente 28,6% do *corpus* da pesquisa⁷.

É importante adiantar, comparando-o à extensão rural, que o agronegócio é diretamente ligado a atividades extensionistas, mas essas categorias foram separadas em virtude da variação essencial das matérias. Enquanto na primeira categoria os serviços de assistência técnica e extensão rural (Ater) externos eram acionados para ajudar principalmente produtores em menor escala, na segunda é comum que o agronegócio incorpore seus próprios profissionais especializados, como pode ser observado na análise subsequente.

A observação dessas reportagens permite inferir que um dos principais alicerces da representação do agronegócio são os números, entre eles o tamanho das propriedades, a quantidade de suas produções, a renda que geram e os funcionários que empregam. Isso aparece principalmente na forma de efeitos gráficos no vídeo e nas falas dos repórteres e dos entrevistados, a exemplo do *off*⁸ da repórter Priscila Brandão: “Hoje a fazenda de 20 hectares tem uma criação de tilápias, um frigorífico, uma graxaria e uma fábrica de ração. Abate 300 mil tilápias por mês e fabrica 580 toneladas de ração” (*Globo Rural*, 2014g).

A posição ocupada pelos indivíduos ligados ao agronegócio também é diferenciada no discurso do programa. A propriedade rural é situada numa lógica empresarial: o trabalhador rural passa a ser um funcionário e o proprietário um empresário. Por esse raciocínio, o produtor rural já não é mais o indivíduo que detém o conhecimento da produção a partir da prática, mas um

investidor que conta com um aparato tecnológico e mão de obra especializada para gerir seu negócio. Se o que conta não é a experiência da prática, as chaves do agronegócio estão na tecnologia e na especialização do trabalhador, e isso se faz ver em todas as matérias desta categoria.

Quanto à estrutura, as reportagens têm basicamente a mesma sequência: apresentação do local e da propriedade; detalhamento do aparato tecnológico e profissional do negócio; e comparação entre rentabilidade e investimentos. A cientificação já mostrada ao tratar da extensão rural é bem mais evidente aqui, de forma que se pode dizer que o saber do senso comum é secundário. O programa busca ainda aproximar a ciência de seu público. Não faz parte deste estudo uma análise de recepção que possa detalhar a heterogeneidade dos telespectadores mas, levando-se em conta que o lugar de fala que o programa constrói envolve necessariamente a população rural em toda a sua ampla composição, ele se vale de um tom de simplificação da fala na construção de um diálogo com esse público.

Sabe-se que a prática do Jornalismo em si envolve a tradução da fala técnica para uma linguagem coloquial mais acessível a um público diverso. No entanto, no caso do *Globo Rural*, pode-se dizer que a linguagem tem um tom didático, próximo ao da praticada nas atividades de extensão rural. Como exemplo, tem-se o *off* do repórter Nélson Araújo, em que se refere aos drones: “No dizer de um caboclo que viu o drone voar pela primeira vez em Pilar do Sul, estado de São Paulo, esse é um trem que ‘avoia mais num tem asa’” (*Globo Rural*, 2014e).

Nesse excerto, o linguajar dito caipira não só resume o funcionamento de uma tecnologia, mas também faz associação entre o espaço geográfico (interior de São Paulo) e um estilo de falar, algo que se apresenta como um traço cultural. Ao final da reportagem, a passagem⁹ também recupera essa marca: “No meio aeronáutico tem uma máxima que diz: ‘a decolagem é opcional, mas o pouso é obrigatório’, e já há quem pergunte: ‘e se esse troço cai na cabeça da gente?’” Essas constatações sugerem, ainda, que caberia ao programa uma mediação entre o homem do campo e as tecnologias desenvolvidas na cidade.

⁷ A categoria é composta pelas seguintes reportagens: (1) “Em SP, médico empreendedor troca aposentadoria pela lida no campo” (*Globo Rural*, 2014g, 11’ 20”); (2) “Drone é o nome da novidade que ajuda a inspecionar fazendas” (*Globo Rural*, 2014e, 11’ 33”); (3.1) “Maior produtor de azeite do mundo, Espanha investe nas oliveiras” (*Globo Rural*, 2014l, 7’ 10”); (3.2) “Brasil produz primeiras amostras de azeite feito com azeitonas nacionais” (*Globo Rural*, 2014c, 12’ 46”) [na edição televisionada, essas partes foram separadas em dois blocos e na web, em dois vídeos]; (4) “Agricultores dobram área plantada com trigo em Minas Gerais” (*Globo Rural*, 2014b, 5’ 49”).

⁸ Texto gravado pelo repórter e coberto por imagens.

⁹ Fala do repórter coberta por sua própria imagem, ou seja, parte em que ele aparece falando no próprio lugar em que a matéria é gravada.

As imagens do agronegócio são também um ponto a ser destacado. Como esse modelo de negócio foca a monocultura produtiva, do plantio ao beneficiamento máximo que se consegue alcançar na propriedade, a piscicultura e os plantios de oliveira, eucaliptos, trigo, cana etc. são mostrados em planos abertos que revelam a vastidão territorial que ocupam. São imagens predominantemente referenciais e de comprovação do que é veiculado pela linguagem audiovisual.

Assim como na categoria extensão rural, os efeitos gráficos de vídeo são explorados para tratar de quantidades, nomes técnicos, localização geográfica e outros. A sonorização também segue com a utilização de músicas de fundo instrumentais e sons de animais (pássaros principalmente) em referência a imagens da natureza. Sons ambiente como a hélice dos drones em movimento, passos humanos em meio às plantações e o barulho das máquinas na fabricação do azeite são outros recursos sonoros da edição.

O sentido elaborado aponta para o agronegócio como atividade grandiosa e produtiva, enfocando seu potencial de modernização do campo. No par diferencial rural/urbano prevalece o urbano e, por conta disso, o rural aparece tanto mais valorizado quanto mais se aproxima de um ideal de urbanidade associado à modernização, à tecnologia e, principalmente, ao desempenho econômico. Essa abordagem pode ser interpretada pelo eixo proposto por Favareto (2006), para quem a oposição campo-cidade é movida para a abordagem rural-urbano, ao dar ênfase à artificialização dos espaços. Isso revela as contradições e os confrontos entre as representações socialmente assentadas sobre territorialidades.

A representação desta categoria se consolida, então, na hipervalorização da ciência como forma de conhecimento e na finalidade econômica do campo. Nas reportagens do programa, o agronegócio se sustenta sobre a relação entre tecnologia, especialização profissional e empreendedorismo, que são representados como o “futuro” do campo.

Agricultura familiar

Esta categoria é pensada para englobar matérias que enfatizam o trabalho rural como atividade exercida em família e que mostram agricultores dedicados ao

cultivo de mais de um produto (policultura). Numa analogia superficial, trata-se de uma lógica bem distinta da que rege o agronegócio nos parâmetros apresentados no tópico anterior. As reportagens apresentadas na categoria equivalem a um total de três, ou seja, um valor aproximado de 21,4% do *corpus*¹⁰.

Uma manifestação recorrente nas construções discursivas sobre a agricultura familiar é, além da família, a tradição. A ligação tradição-família é o que dá sentido à modalidade de produção denominada agricultura familiar nas reportagens que dela tratam. As famílias mostradas nas reportagens trabalham no campo e vivem da renda que esse trabalho gera, sendo historicamente ligadas à terra. As práticas que empregam no trabalho são passadas através das gerações e os agricultores reproduzem o que aprenderam com os antepassados, isto é, a empiria ou conhecimentos práticos são essenciais ao produtor, ao contrário do que foi mostrado no agronegócio. Isso se faz ver nas imagens e nas falas dos jornalistas e entrevistados. Como primeiro exemplo, tem-se a fala da agricultora Judite Eger:

Quando eu era pequenininha, na idade da Natália [neta], a minha mãe ensinava assim: ela levava nós tudo, que nós era em nove irmãos, né, os mais pequeno ficava com ela e os maior pegava outras atividade assim, pra trabalhar, e sempre ela sobrava pra capinar, daí ela fazia uma mainha [delimitação de um espaço de terra] assim pra cada um, era uma tarefazinha, cada um tinha que dar conta daquela tarefazinha pra depois poder sentar (Globo Rural, 2014j).

Diferentemente dos efeitos sonoros das categorias anteriores, que se restringiam a sons instrumentais, ambientes e animais, nesta categoria são acrescentadas músicas com letras. No caso, as duas canções são inseridas na edição da matéria “Globo Rural faz homenagem às mães que vivem no campo”, e funcionam no reforço da ideia de família. São elas, “Família”, na voz de Nando Reis, e “Saiba”, cantada por Adriana Calcanhoto. As imagens são outro recurso que destacam a família, com uma composição sempre tradicional: homem e mulher trabalhando ao lado dos filhos na “lida” no campo e, fora desse espaço, mulheres cuidando da cozinha e homens do serviço que exige maior aplicação de força.

¹⁰ As seguintes reportagens compõem a categoria: (1) “Fazenda mantém produção agrícola artesanal na Região Serrana do RJ” (*Globo Rural*, 2014i, 7’ 38”); (2) “Globo Rural faz homenagem às mães que vivem no campo” (*Globo Rural*, 2014j, 13’ 06”); (3) “Agricultores da PB usam sementes crioulas de variedades tradicionais que resistem à seca” (*Globo Rural*, 2014a, 13’ 40”).

A cozinha e a comida são, a propósito, um símbolo nas reportagens desta categoria: é na mesa das refeições que, após o dia de trabalho, a família se reúne para desfrutar dos pratos elaborados com os produtos que cultivam e os animais que criam. Esses pratos são apresentados como típicos e as receitas como tradições resistentes ao tempo, sendo associados a uma ideia de patrimônio familiar e rural que precisa ser mantido. O que se pode notar nas produções jornalísticas desta categoria é a reafirmação de um caráter de policultura em contraposição ao agronegócio: plantam-se variados alimentos e criam-se animais em pequena escala que servem ao consumo da família e como fonte de renda.

Recuperando os estudos de Raymond Williams (2000) sobre cultura, aqui se manifestam as representações culturais dos espaços rurais na narrativa audiovisual do *Globo Rural*. Para o autor, em seu nível mais geral uma cultura tem como característica “o fato de jamais ser uma forma em que as pessoas estão vivendo, num certo momento isolado, mas sim uma seleção e organização, de passado e presente, necessariamente provendo seus próprios tipos de continuidade” (Williams, 2000, p. 182). Como uma forma, a cultura ganha sentido em sua reprodução e a tradição é uma reprodutibilidade ou “reprodução em ação”, como nomeia Williams. Dessa maneira, a observação mostra que a representação da cultura do campo está na tradição do trabalho braçal, na instituição familiar e na culinária.

A importância do patrimônio resultante da empiria do homem do campo ou de sua cultura é nítida ao se olhar para as fontes. A presença da fala técnica se manifesta apenas uma vez nas três matérias consideradas, uma proporção que revela, no discurso dessas reportagens, a valorização do saber comum frente ao conhecimento científico, algo antes não aparente.

Na matéria “Fazenda mantém produção agrícola artesanal na região Serrana do RJ”, por exemplo, a fala do agricultor Heraldo Cordeiro é acionada pela repórter Helen Martins para tratar de manifestações genéticas diferenciadas na lavoura de milho:

Heraldo Cordeiro: Geralmente quando a gente “pranta” ele fica mais vermelho, mas só que a gente costuma misturar um bocadinho aí ele “desnera”.

Helen Martins: Ele “desnera”?

Heraldo Cordeiro: É.

Helen Martins: O quê que é “desnera”?

Heraldo Cordeiro: Ele pega a cor do vermelho e vai passando pro branco, ó.

Helen Martins: E esse aqui mesmo assim, “desnerado”...

Heraldo Cordeiro: Ele vai pra panela (risos). (Globo Rural, 2014i).

No *off* subsequente a repórter completa: “Demorei um pouco pra perceber que ‘desnerar’ é degenerar”. Pode-se admitir, dessa maneira, que o lugar de fala tecnicista se desloca para o empírico, o que é marcado no próprio vocabulário. Destaca-se também a simbiose entre o produtor e o campo, que é mostrada com uma relação de amor, visível na própria personificação de animais e plantas. Essa relação permite uma comparação: se nas categorias antecedentes a esta a principal aliada dos produtores era a ciência, aqui é a natureza.

A lavoura é a riqueza que alimenta os animais e as famílias e inspira ainda, produções artísticas. Como lembra o agricultor Zé Pequeno, na reportagem sobre as sementes da paixão: “A agricultura familiar é essa que a gente com pouca terra faz fartura” (*Globo Rural*, 2014a).

O levantamento dos aspectos em que se desdobram as pautas sobre agricultura familiar permite inferir que ela é, em si, configurada como um patrimônio cultural do campo. Ancorada em um modelo tradicional de família, a agricultura familiar mostra-se como um patrimônio rural que precisa ser mantido e para o qual se deve olhar com expectativas e não como um retrocesso. Nesse sentido, ela é assumida como um “sistema de significações realizado” (Williams, 2000), isto é, como uma cultura.

Vida no campo

Em graus diferentes, se levarmos em conta a presença humana nos espaços rurais, as categorias classificatórias anteriores apresentam nelas imiscuída a ideia de vida no campo. Porém, com predominância da extensão rural, do agronegócio e da agricultura familiar, respectivamente. Para esboçar o tópico vida no campo, portanto, consideramos três reportagens (21,4% do *corpus*)¹¹ em

¹¹ Compõem a categoria as seguintes reportagens: (1) “Em GO, fazenda histórica preserva receitas antigas dos tempos coloniais” (*Globo Rural*, 2014f, 12’ 44”); (2) “Criatividade na produção rural representa economia ao agricultor” (*Globo Rural*, 2014d, 14’ 03”); (3.1) “Jumentos são abandonados nas estradas do Rio Grande do Norte” (*Globo Rural*, 2014k, 7’ 25”); (3.2) “Promotor incentiva o consumo da carne de jumento” (*Globo Rural*, 2014q, 12’ 03”) [divida em dois blocos na edição televisiva; na web aparece, portanto, dividida em dois vídeos].

que, acima de fonte de renda, o enfoque está no trabalho como atividade que gera prazer e o campo como espaço de tradições que conformam saberes e soluções.

Todas as três reportagens têm um espaço culinário. Na matéria “Em GO, fazenda histórica preserva receitas antigas dos tempos coloniais”, o *off* seguido pelo diálogo entre a proprietária da fazenda, Telma Machado, e o repórter Vico Iasi é exemplo disso. Como *off* que introduz o diálogo, tem-se: “Dona Telma explica que, no passado colonial, a mesa farta das fazendas de Goiás tinha também o objetivo de estimular a conversa com os visitantes, que muitas vezes vinham de longe”. Na sequência, o diálogo é estabelecido:

Vico Iasi: Pra senhora, o quê que quer dizer assim, manter vivas essas receitas?

Telma Machado: Eu valorizo muito isso, que é a sua identidade, é alma da gente, entendeu? Essa riqueza, né, cultural. É uma riqueza.
(*Globo Rural*, 2014f).

Há imagens que recuperam símbolos da tradição culinária do campo, como a mesa e o fogão à lenha. Porém, se ao falar na agricultura familiar a mesa se referia principalmente à união da família, aqui a variedade de comidas funciona como um reforço da amplitude que o campo pode oferecer em termos de produção de alimentos. Nesse sentido, a fertilidade da terra tem sua representação na fartura da mesa.

A tradição cultural do campo se assenta, além da culinária, na manutenção de práticas tradicionais no trabalho, ressaltando-se o uso de animais e de ferramentas desenvolvidas pelos próprios produtores no decorrer dos tempos. Não se fala aqui na tecnologia externa à prática, como no caso do agronegócio, mas em um produtor que mantém formas tradicionais de plantio e criação e ainda é criativo a partir de sua prática.

A cientificação não é, portanto, o enfoque. Não é interesse do produtor envolver-se, por exemplo, em ações para obter patentes do que cria, ao contrário da ciência. Isso se exemplifica na fala do apicultor Maurílio Brandão, que criou um instrumento para auxiliar sua atividade profissional, a partir de materiais de baixo custo e usados para outros fins: “Eu não tenho intenção de patentear, ganhar dinheiro em cima disso não. Foi uma invenção que serviu bem pra mim, então eu não faço questão dos outros copiar e fazer pra ajudar” (*Globo Rural*, 2014d).

A personificação dos animais também é manifesta: eles têm nomes próprios e são tidos como indivíduos

que coabitam o espaço rural com seus donos. Em nossa observação, a vida no campo é, de uma forma geral, apresentada sob a perspectiva da viabilidade da harmonia entre passado e presente. Neste cenário, a tradição figura como referência cultural atualizada no presente, capaz de orientar a ação dos sujeitos no mundo. A necessidade de criação e modernização das atividades no campo aparece pela incorporação e apropriação que não se dão pela absorção, mas pela ação criativa de hibridação entre o tradicional e o moderno (cf. Canclini).

Considerações finais

A abordagem do rural para além da visão setorial é fundamental para entender como o jornalismo rural pode se construir. No caso do discurso elaborado pelo *Globo Rural*, através das reportagens analisadas, o lugar de fala, ao mesmo tempo em que dá a ver representações sobre o cenário rural no Brasil, auxilia na modelagem deste mesmo cenário. Essa constatação, associada à observação das reportagens no intervalo de tempo considerado, permite verificar, na pluralidade temática e nas formas como os temas são abordados, discursos conflitantes.

Emergem, assim, duas matrizes de sentido das reportagens do *Globo Rural*: o rural como setor da *economia* e o rural como *moradia*. A primeira matriz se manifesta com maior força nas categorias extensão rural e agronegócio e a segunda, nas categorias agricultura familiar e vida no campo. Se pensarmos o programa como um produto cultural que diz de seu tempo, notamos, portanto, que a economia rural está muito ligada à pesquisa e ao agronegócio. A moradia, por sua vez, está mais relacionada à qualidade de vida e ao aparecimento efetivo de uma cultura como sistema de significações que se realiza em relação a um referencial rural.

No âmbito da representação da ruralidade em sua dimensão habitacional, as principais representações são culturais e estão ligadas à culinária e ao trabalho, mostrados por uma perspectiva de tradições que são reproduzidas ao longo das gerações. Como afirmado por Williams (2000), o conceito de tradição comporta a ideia de reprodutibilidade que está diretamente vinculada aos processos culturais. Pode-se inferir, assim, que a cultura rural se liga à noção de patrimônio, de manutenção do passado no presente e da necessidade de não deixar que essas práticas se percam no tempo.

Como representações de uma cultura tradicionalmente rural, as práticas culturais culinárias e de trabalho também aparecem correlacionadas. Visualiza-se, assim,

um percurso que parte do cultivo da terra e chega até a mesa, valendo-se de preceitos tradicionais em toda a sua extensão. Podemos dizer, então, que o fundamento que substancia essa visão cultural do rural no programa é a ligação entre o homem e a terra, ou seja, a cultura é mostrada em associação direta com uma perspectiva do rural enquanto espaço físico e simbólico.

Em síntese, ao conciliarmos as abordagens de Woodward (2012), Jodelet (2001) e Berger e Luckmann (2004) para pensarmos as representações sociais, observamos a dinamicidade dessas representações, visto que são móveis e atualizáveis quando acionadas nas construções discursivas. Dessa maneira, quando representações sobre o rural são convocadas para construir o lugar de fala do *Globo Rural* nas reportagens analisadas, vemos mais do que a reprodução de formas instituídas de dizer, notando-se também nuances e conflitos entre as representações.

Quando observamos as quatro categorias de análise deste trabalho – extensão rural, agronegócio, agricultura familiar e vida no campo –, visualizamos que há uma diversidade de rurais ali representados. De um lado, em extensão rural e agronegócio, a ciência é chave para entrada no moderno, figurando o rural como uma ambiência em transição, que se aproxima do urbano pelo potencial de incorporação tecnológica, bem como pelo desenvolvimento econômico.

Do outro lado, temos o rural que apela à força das tradições e ao repertório do passado – do bucólico da vida no campo – emergindo com representatividade nas reportagens dos eixos agricultura familiar e vida no campo. Nestas categorias, a tensão entre moderno/tradicional, rural/urbano aparece na linguagem e no tempo do cotidiano, e se traduz na incorporação da criatividade como saída arcaica em face da necessidade da produção. A modernidade figura como aquilo que impressiona, que se almeja, mas para o qual não se move diretamente: ela chega pela pressão econômica no agronegócio e na extensão rural e se defronta com a criatividade de se articular passado-presente na vida cotidiano do campo.

Referências

- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. 2004. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 24ª ed., Petrópolis, Vozes, 248 p.
- BRAGA, J.L. 2012. Circuitos versus campos sociais. In: J.J. JUNIOR; M.A. MATTOS; N. JACKS (orgs.), *Mediação & Midiatização*. Salvador/Brasília, EDUFBA/Compós, p. 31-51.
- BRAGA, J.L. 2011a. Constituição do Campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, 25(58):62-77. <https://doi.org/10.4013/ver.2011.25.58.07>
- BRAGA, J.L. 2011b. Dispositivos interacionais. In: Encontro da Compós, XX. Porto Alegre, 2011. *Anais...* Porto Alegre, p. 1-15. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1657.pdf. Acesso em 10/04/2016.
- BRAGA, J.L. 2000. “Lugar de Fala” como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: PPG Comunicação Unisinos (org.), *Mídias e Processos Socioculturais*. São Leopoldo, Editora Unisinos, p. 159-184.
- CANCLINI, N.G. 2011. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª ed., São Paulo, Edusp, 416 p.
- FAVARETO, A. da S. 2006. *Paradigmas do desenvolvimento rural em questão: do agrário ao territorial*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 221 p.
- GLOBO RURAL. 2014a. Agricultores da PB usam sementes crioulas de variedades tradicionais que resistem à seca. *Globo Rural*, 18 maio. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/agricultores-da-pb-usam-sementes-crioulas-de-variedades-tradicionais-que-resistem-a-seca/3351906/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014b. Agricultores dobram área plantada com trigo em Minas Gerais. *Globo Rural*, 25 maio. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/agricultores-dobram-area-plantada-com-trigo-em-minas-gerais/3367692/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014c. Brasil produz primeiras amostras de azeite feito com azeitonas nacionais. *Globo Rural*, 13 abr. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/brasil-produz-primeiras-amostras-de-azeite-feito-com-azeitonas-nacionais/3276925/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014d. Criatividade na produção rural representa economia ao agricultor. *Globo Rural*, 27 abr. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/criatividade-na-producao-rural-representa-economia-ao-agricultor/3306483/>. Acesso em: 06/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014e. Drone é o nome da novidade que ajuda a inspecionar fazendas. *Globo Rural*, 30 mar. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/drone-e-o-nome-da-novidade-que-ajuda-a-inspecionar-fazendas/3246833/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014f. Em GO, fazenda histórica preserva receitas antigas dos tempos coloniais. *Globo Rural*, 20 abr. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/em-go-fazenda-historica-preserva-receitas-antigas-dos-tempos-coloniais/3291745/>. Acesso em: 06/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014g. Em SP, médico empreendedor troca aposentadoria pela lida no campo. *Globo Rural*, 16 mar. Dis-

- ponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/em-sp-medico-empresendedor-troca-aposentaria-pela-lida-no-campo/3214692/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014h. Em SP, produtores de pimentão se esforçam para reduzir a quantidade de agrotóxicos. *Globo Rural*, 25 maio. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/em-sp-produtores-de-pimentao-se-esforcam-para-reduzir-a-quantidade-de-agrotoxicos/3367680/>. Acesso em: 21/03/2015.
- GLOBO RURAL. 2014i. Fazenda mantém produção agrícola artesanal na Região Serrana do RJ. *Globo Rural*, 30 mar. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/fazenda-mantem-producao-agricola-artesanal-na-regiao-serrana-do-rj/3246795/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURALj. 2014. Globo Rural faz homenagem às mães que vivem no campo. *Globo Rural*, 11 maio. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/globo-rural-faz-homenagem-as-maes-que-vivem-no-campo/3336967/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014k. Jumentos são abandonados nas estradas do Rio Grande do Norte. *Globo Rural*, 4 mai. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/jumentos-sao-abandonados-nas-estradas-do-rio-grande-do-norte/3321539/>. Acesso em: 06/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014l. Maior produtor de azeite do mundo, Espanha investe nas oliveiras. *Globo Rural*, 13 abr. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/maior-produtor-de-azeite-do-mundo-espanha-investe-nas-oliveiras/3276923/>. Acesso em: 05/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014m. No RJ, produtor aproveita as sobras da horta para produzir composto orgânico. *Globo Rural*, 16 mar. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/no-rj-produtor-aproveita-as-sobras-da-horta-para-produzir-composto-organico/3214679/>. Acesso em: 21/03/2015.
- GLOBO RURAL. 2014o. Pequenos agricultores apostam na produção de adubo para hortaliças. *Globo Rural*, 20 abr. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/edicoes/v/pequenos-agricultores-apostam-na-producao-de-adubo-para-hortalicas/3291736/>. Acesso em: 21/03/2015.
- GLOBO RURAL. 2014p. Produtores de tomate reduzem uso de agrotóxicos para doenças causadas por fungos. *Globo Rural*, 9 mar. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/produtores-de-tomate-reduzem-uso-de-agrotoxicos-para-doencas-causadas-por-fungos/3198675/>. Acesso em: 21/05/2015.
- GLOBO RURAL. 2014q. Promotor incentiva o consumo da carne de jumento. *Globo Rural*, 4 mai. Disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/promotor-incentiva-o-consumo-da-carne-de-jumento/3321540/>. Acesso em: 06/05/2015.
- GOMES, I.M.M. 2004. *Efeito e Recepção – A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media*. Rio de Janeiro, e-papers. Disponível em: <http://telejornalismo.org/wp-content/uploads/2010/05/Efeito-e-Recep%C3%A7%C3%A3o-Media-e-Cultura.pdf>. Acesso em: 31/03/2017.
- JODELET, D. 2001. Representações sociais: um domínio em expansão. In: D. JODELET, *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro, Editora UERJ, p. 17-29.
- MEMÓRIA GLOBO. 2016. Disponível em: <http://memoria-globo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/globo-rural.htm>. Acesso em: 03/04/2015.
- WANDERLEY, M. de N.B. 2000. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 15:87-145.
- WILLIAMS, R. 2000. *Cultura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 240 p.
- WILLIAMS, R. 2011. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 536 p.
- WOODWARD, K. 2012. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: T.T. da SILVA (org.); S. HALL; K. WOODWARD, *Identidade e diferença – A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, p. 7-73.

Submetido: 22/05/2016

Aceito: 18/11/2016